





A ESCRAVIDÃO EM ROMANCES FEMININOS

Rui Ribeiro

um interessante en saio, integrante de seu livro "O pássaro tempo", Maria de Lourdes Teixeira observa a quase total ausência da participação feminina no movimento abolicionista brasileiro. A história registra apenas raras exceções de mulheres que aderiram à campanha, como os casos das pernambucanas Leonor Porto e Olegarinha Mariana, afora os da atriz Eugênia Câmara, da cantora Luiza Regadas, da poetisa Narcisa Amália e da maestrinacompositora Chiquinha Gonzaga. Mais compreensível a posição destas últimas face à condição de artistas independentes.

Mas se as matronas do século XIX se mantiveram alheias à luta que empolgou a nação, foram suas descendentes as consolidadoras da literatura inspirada na escravidão, como que para redimirem a omissão de suas avós. O tema já aparecera antes em obras de Bernardo Guimarães, José de Alencar, Visconde de Taunay e outros. Entretanto ganhou novas cores a partir dos anos 40 do século passado com quatro produções marcantes.



Livro de estréia de Gilda Abreu, **Mestiça** (1944) descreve cenas ambientadas no meio rural, destacando o tratamento desumano dado aos escravos e a paixão violenta do feitor pela personagem principal. Os diálogos são bem conduzidos e os

protagonistas calcados em moldes apropriados, caso do mascate, figura comum naqueles tempos. Ao final, revelação inusitada sobre a origem étnica da formosa mestiça. O prefácio foi escrito, a pedido, por Oduvaldo Viana, que confessa não ter lido a obra. Recomendou-a mesmo assim, baseado no histórico da polivalência artística da autora, que obteve vitórias em tudo que desejara ser anteriormente: atriz, bailarina, produtora de novelas para o rádio e roteiros de filmes. O tratamento gráfico dado ao volume teve execução precária com péssima qualidade do papel, do que resultaram brochuras vulneráveis à ação do tempo e do manuseio. Será este talvez o fator da raridade atual de exemplares disponíveis nos "sebos". O romance teve pelo menos quatro edições e, transformado em peça teatral circense, popularizou-se, comovendo um sem número de espectadores

No mesmo ano de 1944 viria publico Luz e sombra, de Maria José Dupré. O enredo recompõe o cotidiano de família aristocrata paulista e capta flagrantes da rebeldia à repressão feminina e a luta pela libertação dos escravos. Em linguagem agradável, a autora registra o panorama de "...época de maridos tiranos, de mulheres pálidas como camélias, de vestidos que se arrastam rumorosos, de cinturas finas, de gemidos de negros castigados, de casas fechadas como conventos, de olhares ansiosos através de rótulas, de faces maceradas nas noites quietas." Em paralelo, há descrições de aspectos da acanhada capital paulista de então, onde áreas distantes do centro, com o atual bairro da Penha, ainda apresentavam características rurais. O livro teve franca aceitação pública e atingiu mais de uma dezena de edições.

Foi porem **Sinhá moça** (1949), Maria Dezone Pacheco Fernandes, o mais divulgado romance do cativeiro. O sucesso inicial do livro deve-se com certeza à sua versão para o cinema em 1953, numa película produzida pela Vera Cruz e estrelada por Anselmo Duarte, Eliane Lage, Rute de Souza e Henricão. Bem recebido pela crítica, o filme ob-



teve a cotação de "ótimo" na bolsa de cinema da "Folha da Manhã" e foi premiado nos festivais internacionais de Punta Del Este e Berlim. Segundo declarou a autora ao jornal "Tribuna da Imprensa", quando do lançamento "...Sinhá moça nasceu de meu espírito como uma exaltação à liberdade, ao direito e à justiça. Pintei meus personagens focalizando em uns as qualidades que enobrecem os seres humanos, em outros os defeitos da sociedade que se repetem sempre através dos tem-Considerado sobre esse aspecto, o livro realmente encerra mensagem de alcance social. Como criação literária situa-se dentro do plano de construção linear romântica e adocicada. Falta-lhe a densidade dramática e o vigor descritivo. desenvolvendo-se sua trama em diálogos alambicados. Se em função do tema a escritora pretendeu também reproduzir o estilo dos autores da época retratada, atingiu seus objetivos. O leitor desinformado terá a nítida impressão de estar diante de páginas escritas no século XIX, na fase efervescente da escola romântica. No centro da história, o idílio de Sinhá moça e de Rodolfo, unidos pelo amor e pelos ideais abolicionistas, no cenário da fazenda Araruna, de propriedade do coronel Ferreira, pai da jovem. Um levante de cativos fere de morte o fazendeiro. Na mesma emboscada também é ferido o namorado, que sobrevive e se recupera. Todo o restante do drama consiste nos arroubos do

casal apaixonado, nos preparativos para seu casamento, nas corriqueiras relações familiares, na luta para que a justiça absolva os responsáveis pelo levante fatal. Numa adaptação para o vídeo, feita por Benedito Ruy Barbosa em 1986, o drama conservou seu núcleo central e os protagonistas. Ganhou porem novos personagens e situações que o valorizou e lhe deu mais movimentação. A novela revigorou a difusão do livro, cuja edição feita no mesmo ano - talvez a de maior tiragem traz na capa, em trajes característicos, as fotos de Lucélia Santos e Marcos Paulo, responsáveis pelos papeis principais. Em nova versão, aparecida em 2006, Débora Falabela e Danton Melo são os intérpretes de Sinhá moça e Rodolfo. O romance de Maria Dezone Pacheco Fernandes permanece atual, constituindo-se em obra clássica do gê-

A ação de Pedras altas (1949), de Emi Bulhões Carvalho da Fonseca se desenrola às vésperas a abolição da escravatura, centrada nos contrastes que diferenciam duas famílias de proprietários rurais. Em fabulação instigante e linguagem ágil, retrata com cores fortes a fase em que "... paixões desencadeiam violentas, recalcadas nos corações sofredores dos negros oprimidos, impetuosas nos senhores ébrios de poder." Excepcional criadora de tipo, a autora traça o perfil da mulher em linhas admiráveis. Aliás, desde sua estréia literária com a coletânea de contos No silêncio da casa grande (1944) - premiado pela Academia Brasileira de Letras - mostrou-se exímia na urdidura de tramas e condução das narrativas. Compõem seu legado longa série de produções ficcionais (cerca de 11), que mantêm a alta qualidade da concepção.

Alem de proverem da mesma fonte de inspiração, os quatro romances enfocados têm como ponto comum pioneiro o elo entre a libertação do cativo e a emancipação feminina

Rui Ribeiro é escritor, crítico literário, ensaísta e membro da União Brasileira de Escritores.



Governo obscurantista quer acabar com leitura

O projeto de reforma tributária de Guedes-Bolsonaro, expressando a postura obscurantista e anti-conhecimento desse grupo que se adonou do governo, pretende incluir o setor de livro na cobrança de uma alíquota de 12% de uma nova contribuição.

Atualmente, o livro é isento de imposto com base em preceito constitucional e, no caso das contribuições Pis/Pasep e Cofins, a lei 10.865/2004 isenta a tributação sobre vendas e importações.

Com a proposta do governo, que unifica essas contribuições com a designação pomposa de Contribuição Social sobre Operações com Bens e Serviços (CBS), as vendas de livros perderiam a isenção dessas contribuições e passariam a pagar 12%, encarecendo o preço do livro, o qual já é quase proibitivo.

O presidente da Câmara Brasileira do Livro, Vitor Tavares, declarou que "a taxação pode inviabilizar as atividades de livrarias e distribuidoras". Por sua vez, as entidades ligadas ao livro, a Câmara Brasileira do Livro, o Sindicato Nacional dos Editores de Livro e a Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares, declararam em manifesto que essa taxação do livro aumentaria a desigualdade do acesso ao conhecimento e à cultura.

E isso ocorre num momento em que, devido à combinação da crise sanitária com a crise econômica, o mercado de livro, que já vinha caindo desde 2018, amarga uma violenta queda nas vendas: até abril, as vendas desabaram 48%. Nas livrarias, por sua vez, durante o período em que estiveram fechadas, o faturamento despencou 70%

Somamo-nos aos que denunciam essa tentativa, consciente ou não, de impedir o acesso ao conhecimento por parte da população brasileira. O livro, em lugar de ser taxado, deve ser subsidiado.

São Paulo, 15 de agosto de 2020.

Diretoria do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00 Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0

- agência 0719-6 - Banco do Brasil Enviar comprovante e endereço completo para **linguagemviva@linguagemviva.com.br**

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

ENTERRO COM MÚSICA

Raymundo Farias de Oliveira

morte, tão antiga como o nascimento, deveria ser encarada com a maior naturalidade.

Mas não é. A morte choca, causa espanto, dor, emoção e luto. Tudo isso varia de pessoa para pessoa, de espírito para espírito, de alma para alma, segundo a visão de cada um sobre o grande mistério da vida e da morte. Para uns, ela é o "ponto final" da jornada; para outros, é mera "passagem" de uma plano para outro. De qualquer forma, a separação "física" sempre machuca.

E é aí, nesse vácuo, nesse vazio deixado pela morte, que, felizmente, muitas vezes, surge a Arte para suavizar a situação, até porque a "Arte existe porque a vida não basta"— como dizia Ferreira Gullar

Então, quando se enterra o corpo de um compositor, uma cantora, um cantor ou um músico, é comum ouvirmos o canto ou o solo instrumental de músicas que consagraram o artista morto, agora descendo, pelas mãos dos coveiros, à sua sepultura. A música é "a rainha das artes".

Já presenciei, emocionado, enterros com música; enterros de queridos amigos e irmãos de emoções musicais...Não é fácil!

Mas, além da música popular de nosso tempo, há também a música fúnebre – as famosas "marchas fúnebres" de antigamente, executadas em procissões noturnas da sexta-feira da Paixão e em enterros de gente famosa. O famoso morto da sexta-feira da Paixão – o mundo sabe – é Jesus.

Nosso Ernesto Nazareth, compositor e pianista (1863-1934), tido como o "tradutor da alma brasileira", inseriu, entre as suas mais de duzentas composições a sua "marcha fúnebre" em 1927.

Para encerrar o presente texto, de título nada simpático, quero deixar aqui um pouco do fino humor do inesquecível Érico Veríssimo, na página 213 de seu notável romance "Incidente em Antares", de 1971, Editora O Globo, quarta edicão.

Vamos lá: "Formou-se final-mente o cortejo. À frente ia a Banda Municipal Carlos Gomes, vinte dois músicos que, a um sinal de Lucas Faia - encarregado pelo prefeito e pela família enlutada de dirigir a procissão - romperam a tocar algo que poucos da multidão conseguiram identificar como a Marcha Fúnebre de Chopin, pois, embora as duas clarinetas e os dois pistons consequissem emitir sons que se pareciam com o da conhecida composição, uns trombones alucinados tomavam a liberdade de enxertar notas que o compositor jamais escrevera para aquela peça, um flautim frenético entrava em tremolos desesperados, talvez com a louvável intenção de simular soluços, enquanto uma tuba roncava como um animal ferido no fundo de uma toca, e um tambor surdo, coberto de crepe, tentava, mas em vão, marcar a cadência da marcha. Lucas Faia aproximou-se do maestro e recomendou: "Devagar, chefe, para o povo poder acompanhar a pé o enterro!"...

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, contista, cronista e Procurador do Estado aposentado.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000 Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255 Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760
Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

esquecimentos

Akira Yamasaki

1.

o cão está próximo e a noite é escura

não o vejo mas ouço seus pelos roçando em dálias e jasmins

não o vejo mas ouço sua saliva caindo nas folhas dos trevos e marias sem vergonha

o cão já chegou aqui já está dentro de mim

não o vejo mas ouço seus dentes podres lacerando meu sonho manso e cordial

14/11/2013

2.

furtivo como um ladrão o cão do esquecimento se esgueira pelas fendas abismais da noite

suas narinas farejam no vento das lembranças o horizonte da escuridão completa e sem dor

e os propícios labirintos de onde nascem órfãos o sonho e a esperança irmãos bastardos da fome

o cão do esquecimento devora o riso, a palavra o por do sol e a canção o uivo de dor do tempo

16/11/2013

Akira Yamasaki é escritor, poeta, agitador cultural e fundador da Casa Amarela. Foi um dos idealizadores do MPA – Movimento Popular de Arte, de São Miguel Paulista.

As persistentes

Evaldo Balbino

As flores murchas à beira do caminho não estão mortas.

Mostram esguias seus corpos poucos à beira do abismo.

Mostram, mirradas, que toda ausência é frágil ilusão.

Mostram pujante a duradoura presença da vida mesmo ressequida.

Mostram que a ausência não é o nada, mas sim a presença que vem disfarçada.

Existem as flores (na viva presença da ausência de cores) eternamente.

Evaldo Balbino é escritor, professor, Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais e Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. In *Inscrição no deserto* (Helvetia Éditions)

bibliófilos anônimos em tempos de pandemia

> só por hoje eu não comprei um livro pela internet

18h37 - 30.07.2020

Luciana Martins é escritora, dramaturga e professora. Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília e Doutora pela Universidade de São Paulo. Foi uma das poetas homenageadas do 33° Festival de Poesia Psiu Poético de 2019.

POEMAS DO LIVRO "SOB OS CEDROS DO SENHOR", DE RAQUEL NAVEIRA

Solidarizando-me com as vítimas da tragédia ocorrida no Líbano, a explosão do dia 04 de agosto deste ano, que abalou a zona portuária e o centro de Beirute, transcrevo poemas de nosso romanceiro "Sob os Cedros do Senhor: poemas inspirados na imigração árabe e armênia no Mato Grosso do Sul", livro publicado pela editora Scortecci, em 1992.

Sobre ele escreveu Jorge Amado: "Belos poemas de Sob os cedros do Senhor. Gostei de ler 'Na casa libanesa/Havia um tapete persa' ou 'São Jorge/Grande mártir/Guerreiro lutador' – o mundo oriental que sinto tão próximo."

Os poemas permanecem atuais e neste momento representam uma homenagem a toda a colônia libanesa do Brasil.

CEDROS

Cedros, Árvores imponentes, Imensas, Agrupadas, Broches verdes No peito do Líbano.

De seus troncos Saíram navios, Altares, Templos.

Seus ramos e suas folhas Testemunharam impérios, Religiões, Raças.

A alma do Líbano se eleva Quando ora

Sob os cedros do Senhor.

ESCOMBROS

Os escombros da guerra São cinzentos, Despojos cor de chumbo, De fuligem, De carbono.

Os escombros da guerra São móveis, Objetos, Vidros, Ferros,

Corpos retorcidos e negros Como cascas de árvores Depois do incêndio.

De colorido,
Azul e rosa,
Sobre um altar de fumaça,
Só a imagem de Nossa Senhora
Das Dores do Líbano.

Raquel Naveira é escritora, crítica literária, professora universitária, vice-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo.

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr

Mário de Sá-Carneiro: poeta/homem/artista

Roseli Batista de Camargo

Dispersão

Perdi-me dentro de mim Porque eu era labirinto, E hoje, quando me sinto, É com saudades de mim.

Passei pela minha vida Um astro doido a sonhar. Na ânsia de ultrapassar, Nem dei pela minha vida (...) (Sá-Carneiro, 1995, p. 61)

ste artigo tem a finalidade de susci tar reflexões em torno da personali dade social e artística de Sá-Carneiro, um dos maiores poetas do modernismo portuquês.

Personalidade totalmente voltada à arte, à criação literária, Sá-Carneiro atuou, socialmente, como escritor, fazendo editar e publicar suas obras. Como homem comum, exerceu suas atividades como produtor e revisor de suas obras, tanto quanto manteve relacionamentos de amizade com Fernando Pessoa – com quem dialogava, em cartas, sobre seu modo de vida, emoções e sobre as correntes da vanguarda europeia fin de siecle – em relação a outros intelectuais portugueses do momento em que viveu.

Entretanto, a partir de seu engajamento na edição e publicação de *Orpheu*, o poeta despede-se da vida como ser social, voltando-se totalmente à existência como artista.

No volume Cartas a Fernando Pessoa, encontra-se esta constatação em carta datada de 26 de fevereiro de 1913, quando Sá-Carneiro assim define sua teoria estética:

"Vida e arte no artista confundem-se, indistinguem-se."

(Sá-Carneiro, 1995, p. 748)

A partir deste fato, entende-se que Mário de Sá-Carneiro viveu o drama do "ser inadaptado à vida", atuando como homem comum, na sociedade

Sua obra representa a criação de um mundo imaginário, ou "mundo ideal", o mundo do artista, que se contrapõe ao "mundo real", domínio do homem comum.

Sá-Carneiro nasceu em 19 de maio de 1890.

Aos 12 anos começa a compor poesia. Aos 15 anos traduz poemas franceses. Aos 16 anos escreve monólogos em versos e se dedica à tradução de poetas alemães.

Aos 19 aos compõe a peça Amizade.

Em 1912 publica *Princípio* e inicia seu relacionamento com Fernando Pessoa. Neste mesmo ano, parte para Paris, para inscrever-se no curso de Direito da Sorbonne, abandonando as aulas no final do ano.

1913 é o ano em que a obra de Sá-Carneiro passa a refletir seu amadurecimento intelectual. Ele publica *A Confissão de Lúcio* (novela) e *Dispersão* (poesia).

Nesta data, sua obra já reflete o domínio do poeta sobre seu grande tema: o conflito do artista em momentos de idealização e de realização (expressão) de sua obra É quando se toma totalmente senhor de sua técnica, a Miseen-Abyme (KOWSAN, 1976), que se desdobrase em quatro procedimentos: a citação, o encaixe, o autotematismo e o jogo de espelhos.

A postura estética de Sá Cameiro liga-se à criação de uma realidade superior, metafísica, ideal, onde poeta e obra habitam, sentimento expresso por meio do uso da Sinestesia, de modo que percepções, sentidos, realidades apenas sugeridas, aparecem "destrambelhados".

Os versos adquirem um novo sentido, pois criam a ilusão de uma realidade onírica, que se assemelha a uma tela expressionista, tal como nos versos de Intersonho:

"(...) Pressinto um grande intervalo, Deliro todas as côres, Vivo em roxo e morro em som..." (SÁ-CARNEIRO, 1995, p58).

Como ser social, Sá-Carneiro apaga-se diante da existência "real", à qual ele contrapõe a existência "artística".

Em 1914, o poeta trabalha nas novelas de *Céu em Fogo* e nos poemas de *Dispersão*, e inicia o projeto da revista literária *Orpheu*. que tem seu primeiro número publicado em abril de 1915.

Pelo vanguardismo da postura estética apresentada e pelo ineditismo da expressão dos conteúdos do inconsciente do artista, *Orpheu* escandalizou o burguês, há tanto tempo afeito à forma e aos temas da poesia da tradição.

O repúdio a que a crítica do leitor burguês recebeu *Orpheu* pode ser experienciado, por alguns, talvez ainda hoje, pela leitura de *16*, poema que Sá-Carneiro faz publicar no primeiro número da revista que marca o modernismo em Portugal, de que ressalto os versos:

Esta inconstância de mim próprio em vibração É que me ha de transpôr às zonas intermédias, E seguirei entre cristais de inquietação, A retinir, a ondular... Soltas as rédeas, Meus sonhos, leões de fogo e pasmo domados

A tôrre d'ouro que era o carro da minh'Alma, Transviarão pelo deserto, muribundos de Luar -

(SÁ-CARNEIRO, 1995, p58).

As reflexões poético-filosóficas de Sá-Carneiro encontram ressonância no cerne da poesia metafísica da obra poética de Antero de Quental, poeta que viveu de modo angustiante o drama espiritual do embate entre a santidade mística e a visão progressiva da humanidade e do mundo material, que o faz compor poesia

Manchetes em versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier Prefácio de Raquel Naveira



Sebo Brandão: https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/
rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com

de questionamento filosóficoexistencialista, fazendo com que sua realidade se convertesse, na obra, em desenvolvimento da ideia.

Em julho de 1915, é lançado o segundo número de *Orpheu*. Entretanto, em meados deste mesmo mês, o poeta escreve a Fernando Pessoa, informando-o de que seu pai não financiará o terceiro número da revista.

Em 1916, sentindo-se emocionalmente adoentado, Sá-Carneiro escreve a Fernando Pessoa, comunicando-lhe sobre seu estado e sobre sua possível morte, enviando-lhe seu caderno de poesias, *Indícios de Ouro*.

No dia 26 de abril deste ano, o poeta suicida-se no Hotel Nice, em Paris.

A obra de Mário de Sá-Carneiro, aborda a problemática do artista, no momento de criação, refletindo sobre questionamentos humanos essenciais, tais como o sentido da existência.

Pode-se esclarecer a postura Existencialista na obra de Sá-Carneiro por meio da leitura de O Existencialismo é um Humanismo (FERREIRA, 1970), observando que o poeta manteve um relacionamento de intencionalidade, de significação com o mundo, com que forma uma estrutura-base de ordenação,

em que se autoafirma na criação artística, seu objetivo maior.

Entretanto, em Sá-Carneiro, poesia e poeta adquirem o sentido de existência, paradoxalmente, a partir da morte do poeta, momento em que adquirem sua identidade.

Apartir da morte, poeta e obra dissociamse do contexto histórico, em que Sá-Carneiro mantinha um relacionamento mestre/discípulo, em relação a Fernando Pessoa, e passam a viver esteticamente, projetando-se a um relacionamento com poetas e obras de correntes estéticas da literatura, tanto quanto adquirem um status social mais concreto, no contato com o público-leitor do presente, do presente e do futuro.

Tornam-se existência, ou projeções de si, nas séries de aparições que os manifestam.

Em A Angústia da Influência (BLOOM, 2002) entende-se a aura de sonho e de desespero da obra de Sá-Carneiro, de matizes expressionistas, quando se pensa na poesia como influên-



cia, ou *influenza*, movimento dialético, revisionário, de apropriação, de renovação e de afirmação do artista e de sua obra, que se refletem nas cores e na musicalidade onírica dos versos:

> Num sonho de Íris morto a oiro e brasa, Vem-me lembranças doutro Tempo azul Que me oscilava entre véus de tule -Um tempo esguio e leve, um tempo-Asa. Então os meus sentidos eram cores, Nasciam num jardim as minhas ânsias, Havia na minha alma Outras distâncias -Distâncias que o segui-las era flores... (SÁ-CARNEIRO, 1995, p85)

Roseli Batista de Camargo é escritora, professora, coordenadora do Curso de Letras - FESL Jaboticabal/SP e diretora do Núcleo Docente Estruturante. Doutora em Estudos Literários e Mestra em Letras na área de Estudos Literários, pela UNESP- Araraquara.

QUIROSCOPIA

Anderson Braga Horta

Manhã.

Ao ar, ao sol, gozando a natureza, estendo as mãos, as palmas para cima. A linha do coração e a linha da cabeça formam dois arcos contíguos que se aproximam e se encontram no final. Entrelaçadas, unas, abraçadas. A linha da cabeça, acima, separada, paralela à do coração, ascende para além.

Anderson Braga Horta é escritor, poeta, advogado, professor, cofundador da Associação Nacional de Escritores e do Clube de Poesia de Brasília. Membro da Academia Brasiliense de Letras e da Academia de Letras do Brasil.

Sombras Desabitadas

Rosani Abou Adal

A sombra desse tal de Covid esconde minha sombra de mim. Sinto-me como um deserto desabitado de cores e sonhos. Desejo compartilhar gargalhadas. o riso está distante da multidão exclusa da própria solidão. Frases de silêncio em pausa habitam o ventre anônimo castigado das próprias marcas, da mudez fria e insensível. dos farelos solitários. Alma em descompasso em busca do novo não alcanca seus medos e fugas, seus labirintos e saídas. Minotauros devoram o enigma indecifrável. Sementes brotam no vazio em busca de nova identidade.

Rosani Abou Adal é jornalista, poeta, publicitária, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vicepresidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de *Manchetes em Versos*. www.poetarosani.com.br

PASSAGEIRO CLANDESTINO

Enéas Athanázio

eu padrasto foi funcio nário da célebre Com panhia Lumber (Southern Brazil Lumber & Colonization Company), um dos braços do chamado Sindicato Farguhar, e prestava seus serviços na vila de Calmon, hoje município, cerca de sessenta quilômetros ao sul de Porto União. Também fornecia lenha para a ferrovia Rede Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC), de maneira que conhecia grande número de ferroviários, entre inspetores, chefes-detrem, agentes de estação, telegrafistas, guarda-freios, maquinistas etc. Sempre que viajava, tinha por hábito instalar-se no vagão-bagageiro e lá permanecia em longas prosas, esquecido dos que o acompanhavam e que permaneciam solitários no vagão de passageiros. Minha mãe ficava furiosa sempre que isso acontecia, quando ela se via abandonada entre estranhos.

Em uma dessas viagens, ele e eu iríamos a Porto União pelo trem misto da tarde que passava em Calmon pelas dezoito horas. Pelo que recordo, eu retornava ao colégio depois de um feriadão. No momento do embarque não vi meu padrasto; penso que ele havia entrado direto no vagão-bagageiro para as costumeiras prosas com os ferroviários. Subi e me instalei no carro de primeira classe. O trem partiu. Meu padrasto tinha com ele as passagens e o meu dinheiro, restando-me no bolso apenas alguns trocados.

O trem já rodava há uma meia hora e entrava nos campos de São Roque, aproximando-se da estação de General Dutra, e meu padrasto não aparecia. Não tardaria a passar o chefe-de-trem, picotando as passagens, e eu estava sem a minha. Poderia ser considerado um clandestino, recebendo severa reprimenda do funcionário na presenca de pessoas estranhas. Além disso, encontrava-se a bordo o inspetor J. Carlos, temido pela dureza e rispidez no trato. O dinheiro que eu tinha não seria suficiente para pagar a passagem até Porto União. Que fazer? Caminhei pelos corredores dos vagões de passageiros na esperança de localizar meu padrasto, mas não o avistei. Entrei em pânico. Enquanto isso, o trem se aproximava de São Roque, já apitando na derradeira curva. Tomei, então, uma decisão desesperada. Quando a composição estacou na estação, apanhei minha mala e saltei para a plataforma deserta. Tomei o cuidado de avisar ao meu companheiro de banco que, se fosse procurado, ele informasse que eu havia desembarcado. O trem partiu na noite que se fechava e eu permaneci na estação solitária. Fazia um frio terrível

Eu conhecia o telegrafista da estação, um rapaz de nome Germano, e estava certo de que me ajudaria, se necessário. Mas não tive sorte porque ele estava em férias e o substituto era desconhecido. Diante do irremediável, acomodei-me no banco da plataforma e tratei de esperar. O vento gélido soprava dos campos e uma névoa densa começava a se formar. Intrigado com minha presença, o agente puxou conversa e eu relatei o que havia acontecido. Penalizado, o homem recriminou a atitude de meu padrasto e me convidou para jantar na casa dele, anexa à estação. Nessa ocasião conheci Tito, um de seus filhos, e nos tornamos amigos. Em férias posteriores andei por lá, pedalando minha bicicleta, e fizemos algumas aventuras iuntos.

Comprei uma passagem até Calmon. O trecho era muito curto, apenas uma estação, e meu dinheirinho foi suficiente.

Esperei e esperei. Os pés gelavam no contato com a pedra-ferro da plataforma e as faces ardiam. Um silêncio lúgubre dominava a noite. O tempo se arrastava. Cerca de cinco horas mais tarde passou, por fim, o trem direto que demandava o sul e eu embarquei aliviado, descendo em Calmon já alta madrugada. Quando bati em casa, minha mãe levou tremendo susto porque àquela hora eu deveria estar dormindo no internato. Relatei o acontecido e ela ficou furiosa, embora aprovasse minha atitude. Exausto, fui dormir.

Acordei tarde, no dia seguinte, quando se travava áspera discussão entre minha mãe e meu padrasto. Chegando em Porto União, ele não me encontrou no trem e concluiu que eu havia voltado. Pernoitou por lá e tomou o misto da manhã, retornando a Calmon.

O caso rendeu muita discus-

Durante o almoço, enchendome de coragem, declarei que jamais embarcaria em viagem alguma sem ter no bolso a minha passagem e o meu próprio dinheiro.

Naquela mesma tarde, meu padrasto e eu embarcamos outra vez no misto para refazer o trajeto do dia anterior. Eu teria que me apresentar no colégio e já estava com um dia de atraso.

No momento do embarque, na plataforma, solicitei a passagem e o dinheiro. Ele me passou a passagem e parte do dinheiro, mas eu exigi a totalidade. Esbugalhou os olhos, tomado de intenso vermelhão e seu pomo de Adão começou a subir e descer com rapidez como acontecia quando se irritava. Esteve a ponto de explodir, mas se conteve para não fazer uma cena em público, e me passou o restante do numerário. Só então embarquei, com o trem já começando a se movimentar.

Dessa vez ele permaneceu ao meu lado o tempo todo, embora não me dirigisse uma única palavra. Chegando ao destino, cada um apanhou sua mala; ele foi para a casa dos pais e eu subi o morro na direção do internato. Não nos despedimos.

Enéas Athanázio é escritor, advogado e Promotor de Justiça (aposentado). Reside em Balneário Camboriú (SC).

Barcarola

Débora Novaes de Castro

Mar infindo, mareante, mar afora, vasto mar; ondas altas, o horizonte, barcarola a navegar.

Pomos d'ouros, ideados, nessas águas, a sonhar; remam sonhos sublimados, prateados de luar.

Sinos tangem, repicando à esses ais, esse cantar, e a saudade, gotejando, bem-querer, além do mar!

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica – Intersemiose na Literatura e nas Artes, pela PUC - São Paulo, 2004. www.deboranovaesdecastro.com.br

TROVA

Amaryllis Schloenbach

Quando bem dentro do seio as dúvidas nos consomem, a esperança é o grande esteio para dar forças ao homem.

Amaryllis Schloenbach é escritora, jornalista, advogada, tradutora, poeta e cronista. Graduada em Letras. Autora de Pelos Meandros do Tempo, Girândola, entre outras obras.



Livros

Cotidiano e Imaginário do ano 2000, diário de Hildebrando Pafundi, W Editora, Santo André (SP), 304 páginas. ISBN: 85-88208-94-0.

A capa é de Isabela Agrela Teles Veras

Hildebrando Pafundi é escritor, jornalista, contista, cronista e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo.

Segundo Antonio Possidonio Sampaio (1931 - 2016 - escritor, jornalista e advogado), "Neste novo livro, o escritor Hildebrando Pafundi registra em forma de diário os principais acontecimentos econômicos, políticos e culturais ocorridos na virada do milênio no ABC Paulista, captados pelo olhar atento do jornalista há mais de 40 anos de exercício,



com passagem pelos principais jornais como *Diário do Grande ABC, O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde.*"

Hildebrando Pafundi: hpafundi@ig.com.br



Sindicato dos Bibliotecários, Cientistas da Informação, Historiadores, Musediogos, Documentalistas, Arquinistas, Audiares de Biblioteca e de Centros de Documentação no Estado de São Paulo

NOTA DE REPÚDIO

DEMISSÕES DE FUNCIONÁRIOS DA CINEMATECA BRASILEIRA

O SINBIESP repudia com veemência e indignação a demissão em massa dos 41 funcionários da Cinemateca Brasileira. O Governo Federal em mais um exemplo de descaso e desprezo pela cultura brasileira e sua preservação, negou aporte financeiro à Associação Roquete Pinto, que entregou as chaves da Instituição depois da Justiça negar o pedido da Associação para que o Governo Federal pagasse os R\$ 14 milhões prometidos anteriormente para o orçamento da Cinemateca em 2020. A demissão do corpo técnico especializado coloca em risco a preservação de valioso acervo cinematográfico e audiovisual nacional, que necessita de cuidados especiais. Neste momento dificil, o SINBIESP presta toda a solidariedade aos profissionais demitidos, que são vítimas da nefasta política de austeridade deste sistema neoliberal e negacionista implantado no País, em que o Ministro da Economia prefere taxar livros em vez de grandes fortunas. Cabe lembrar que o SINBIESP é o único Sindicato do Estado de São Paulo que representa profissionais essenciais na organização e preservação de acervos e documentos, entre outras áreas de preservação da história e memória nacionais

São Paulo, 14 de agosto de 2020.

Diretoria SINBIESP

Rua Formosa, 99 - 13° andar - Centro - São Paulo SP - 01049-000 www.sinblesp.org.br - secretaria@slvblesp.org.br

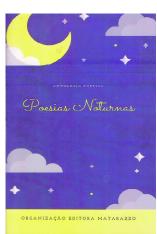
Poesias Noturnas, antologia poética, organizada pela Editora Matarazzo, São Paulo, 50 páginas.

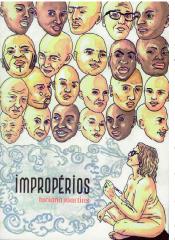
ISBN: 978-65-86348-09-5.

A antologia reúne poemas de Thais Matarazzo, Márcia Villaça da Rosa, Ricardo Hidemi Baba, Galdino Carlos e Luiz Alexandre Kikuchi Negrão.

Márcia Villaça da Rosa, escritora, poeta, revisora, jornalista e colaboradora do Linguagem Viva, presta homenagem ao poeta romântico inglês William Wordsworth (1770 - 1850), representante de destaque na história da Literatura Inglesa.

Editora Matarazzo: Tel.: (11) 3991-9506 - livros@editoramatarazzo.com





Impropérios, poemas de Luciana Martins, Kotter Editorial, 208 páginas, Curitiba (PR). ISBN: 978-65-80103-45-4. As ilustrações são de Amanda Guerrero.

A autora é escritora, dramaturga, professora, Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília e Doutora pela Universidade de São Paulo. Foi uma das poetas homenageadas do 33º Festival de Poesia Psiu Poético de 2019.

Segundo a autora, "Impropérios é um livro de poesia feminista, iconoclasta, política, esquerdista. antifascista, antirracista. As ilustrações dialogam com os poemas e os transcendem, transformando este livro numa HQ lírico-épico-

satírica penetrantemente narrada pela poeta e pela ilustradora, por meio de quem falam e gritam polifonicamente vozes comumente oprimidas no contexto da realidade empírica."

Kotter Editorial: www.kotter.com.br

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL -MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO -COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...





Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÒFARES - SEMENTES -CHÃO DE PITANGAS -100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

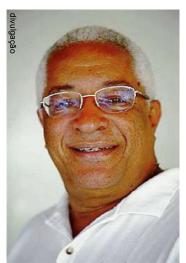
Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:



Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1.www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Jaime Santana Sodré Pereira

Jaime Santana Sodré Perei-

ra, escritor, historiador e professor, faleceu no dia 6 de agosto, em Salvador (BA). Nasceu em Salvador a 19 de fevereiro de 1947. Professor da Universidade do Estado da Bahia e do Instituto Federal de Educação. Ciência e Tecnologia da Bahia. Mestre em Teoria e História da Arte, com trabalho sobre a influência da religião afro-brasileira na obra escultórica de Mestre Didi. Foi agraciado com o Prêmio Funarte, com a Medalha 2 de julho da Prefeitura de Salvador e com a Medalha Zumbi dos Palmares no Plenário Cosme de Farias da Câmara Municipal de Salvador. Autor de Manuel Querino: um herói da raça e classe, A Influência da Religião Afro-Brasileira na Obra Escultórica do Mestre Didi, Da diabolização à divinização: a criação do senso comum, entre outras importantes obras.

O Projeto Retomada das Livrarias, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, Associação Nacional de Livrarias e Sindicato Nacional dos Editores de Livros, foi criado com a finalidade de arrecadar fundos destinados às pequenas livrarias para ajudá-las financeiramente. 53 livrarias foram beneficiadas com o valor arrecado na campanha. Os interessados poderão fazer doações para o projeto em https://projetoretomada.org.br/

Flipoços promoverá uma Feira Virtual de Livros, de 11 a 15 de novembro, que abrigará uma programação com mesas de debates, bate-papos, oficinas e lançamentos. Canal Youtube do Festival: https://www.youtube.com/feira-flipocos.www.flipocos.com

Notícias

Ronaldo Cagiano lançou o livro de poemas "Cartografia do abismo", pela Editora Laranja Original. https://www.laranjaoriginal.com.br/product-page/cartografia-do-abismo

Enio Mainardi, publicitário, jornalista e escritor, faleceu em São Paulo, no dia 8 de agosto, vítima de Covid-19. Nasceu em Pindorama (SP) a 24 de maio de 1935. Autor de Nenhuma Poesia é Inocente e de O Moedor

Ivana Maria França de Negri lançou virtualmente o livro infantil A Lenda da Noiva da Colina, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, durante a semana do aniversário de 253 anos de Piracicaba. O livro integra a coleção Lendas de Piracicaba. As ilustrações são de Ana Clara de Negri Kantovitz. O prefácio é de Valdiza Capranico. ivanamfn@yahoo.com.br

O Escândalo do Século, de Gabriel García Márquez (1927 -2014) - laureado com o prêmio Nobel de Literatura de 1982 -, foi lancado pela Editora Record.

Gabriel Garcia, de Juiz de Fora (MG), com a poesia O melhor de mim, foi o vencedor do 8º Concurso Literário Pague Menos, com o tema Viva Plenamente, promovido pela Farma Pague Menos. https://concursoliterario.paguemenos.com.br/

Resgate da Cidadania, de Ruy Martins Altenfelder da Silva, foi lançado pela SESI-SP. A obra reúne artigos escritos e publicados entre 2018 e 2020, nos jornais O Estado de S. Paulo e Correio Braziliense.

A Editora UNESP lançou os cinco primeiros títulos da coleção Clássicos da Literatura UNESP: A relíquia de Eça de Queirós, Histórias extraordinárias de Edgar Allan Poe, Contos de Guy de Maupassant, Quincas Borba de Machado de Assis e Triste fim de Policarpo Quaresma de Lima Barreto.

José Santiago Naud, poeta e professor, faleceu no dia 20 de julho em Brasília (DF), aos 89 anos. Fundador da Universidade de Brasília (UnB) e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Membro da Associação Nacional de Escritores publicou 21 livros. Autor de Pedra azteca (1985), Memórias de signos (1993), Antologia Pessoal (2001), entre outras obras.

Pedro Casaldáliga, escritor e bispo emérito da Prelazia de São Félix, faleceu no dia 8 de agosto, em Batatais (SP). Nasceu em Pere Casaldàliga i Pla (Balsareny, província de Barcelona) a 16 de fevereiro de 1928. Ingressou na Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria em 1943. Foi nomeado administrador apostólico da prelazia de São Félix do Araguaia (MT) em 27 de abril de 1970. O Papa Paulo VI o nomeou bispo prelado de São Félix do Araguaia, no dia 27 de agosto de 1971. Autor de Uma Igreja da Amazonia en conflito com o latifundio e a marginalização social, Espiritualidade da libertação, Sonetos neobíblicos,precisamente e Versos Adversos (prefácio de Alfredo Bossi e ilustrações de Enio Squeff).

Em defesa do livro é um manifesto - assinado por oito entidades editoriais para contestar o projeto de reforma tributária proposta pelo Ministério da Economia - que prevê a criação da Contribuição Social sobre Operações com Bens e Serviços com alíquota de 12%. O livro, conforme a lei 10.865, de 2004, está isento das contribuições PIS / PASEP e COFINS. A petição "DEFENDA O LIVRO: Diga Não à Tributação de Livros" está em https://www.change.org/p/defenda-olivro-diga-n%C3%A3o-%C3%A0tributa%C3%A7%C3%A3o-delivros?redirect=false

O 34º Festival de Arte Contemporânea Psiu Poético de 2020 será realizado de 4 a 12 de outubro nas plataformas digitais e redes sociais do Festival. O evento é promovido pelo Grupo de Literatura e Teatro Transa Poética, em parceria com a Prefeitura de Montes Claros-MG, Secretaria de Cultura, Centro Cultural Hermes de Paula, Universidade Estadual de Montes Claros, Virtual Montes - Cursos de Informática e Agência Elefantte. http:// www.psiupoetico.com.br/ Canal You-Tube do Psiu Poético: https:// www.youtube.com/channel/ UCx3o zXnWyazxYX3GFs wtw

Waldemiro Antônio Bacelar Viana, escritor, poeta e romancista, faleceu no dia 3 de agosto, em São Luis (MA). Nasceu em São Luís, a 24 de julho de 1946. Exerceu os cargos de Diretor Executivo da Fundação Sousândrade de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal do Maranhão, Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da UFMA. Assessor Especial do Reitor da UFMA e de Secretário Geral da Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Autor de Graúna em roça de arroz, O mau samaritano, Passarela do centenário & outros perfis e A vez da caça.

Manoel Lobato, escritor, contista, romancista, farmacêutico e advogado, faleceu no dia 24 de julho, aos 94 anos, em Belo Horizonte (MG), vítima de Covid. Estreou na Literatura, em 1961, com Garrucha 44. Autor de Mentira dos Limpos, Contos de Agora, Os Outros São Diferentes, A Verdadeira Vida do Irmão Leovegildo, Flecha em Repouso, O Cântico do Galo, O Anjo e o Anticristo: contos, entre outros.

Patrícia Campos Mello lancou A máquina do ódio pela Companhia das Letras. A jornalista discute como as redes sociais têm sido manipuladas por líderes populistas e como as campanhas de difamação funcionam como uma censura e são especialmente voltadas contra jornalistas mulheres.

A Bienal Mineira do Livro, promovida pelo Grupo Asas e Câmara Mineira do Livro, cuja edição seria realizada em agosto de 2020, no BH Shopping, teve a data transferida para setembro de 2021. bienalmineiradolivro.com.br/

Rodivaldo Ribeiro, jornalista, músico e escritor, faleceu no dia 30 de julho, em Cuiabá (MT), vítima de um infarto. Autor de Essa Armadilha, o corpo.

Roberto Scarano

Advogado

Trabalhista Cível Família



OAB - SP 47239

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br